

'Último Ensaio'  
reflete sobre as  
respostas do teatro

PÁGINA 4



Em 'Prece', Luiz  
Brina faz canções  
de suas orações

PÁGINA 7



Regina Casé  
fala de seu novo  
humorístico na TV

PÁGINA 6



## 2º CADERNO



Por **Rodrigo Fonseca**

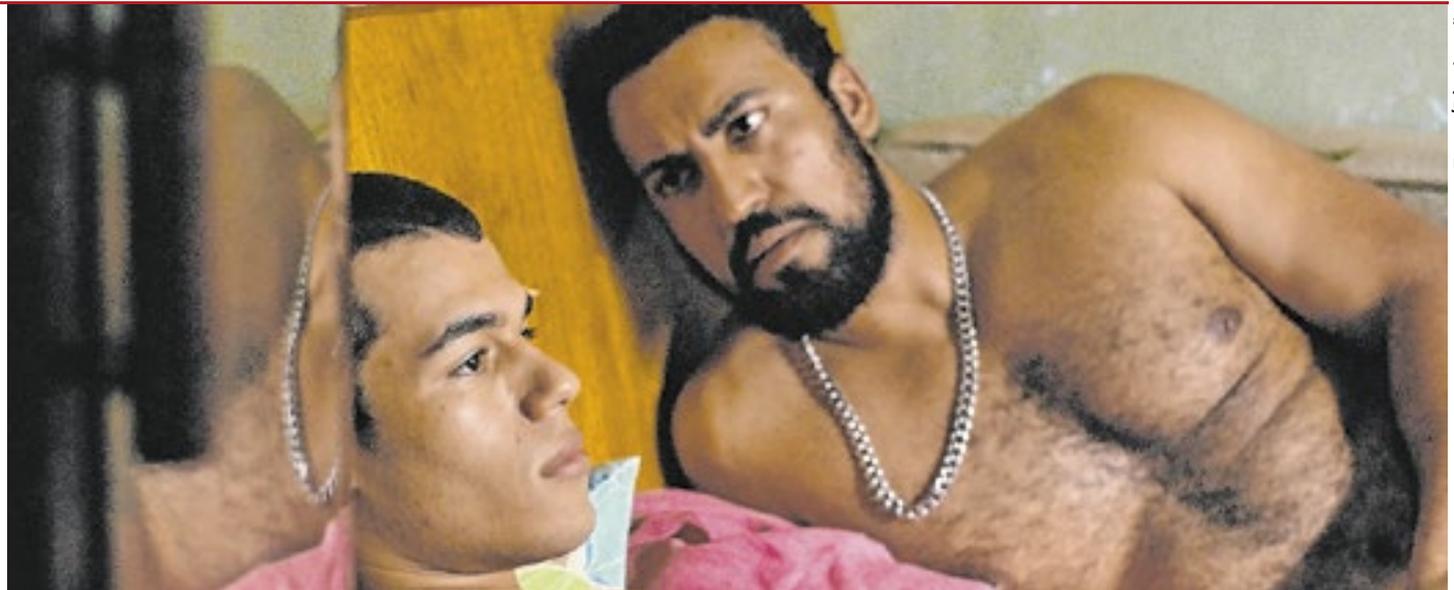
Especial para o Correio da Manhã

**I**naugurado no último dia 3 com o musical “Emilia Pérez”, o Festival do Rio 2024 encerrou sua programação na noite de domingo, no cine Odeon, coroando um par de longas-metragens com o troféu Redentor de Melhor Filme: “Baby”, de Marcelo Caetano (SP), e “Malu”, de Pedro Freire (RJ). O primeiro fez sua estreia mundial no Festival de Sundance, em janeiro, e o segundo estreou em maio, na Semana da Crítica de Cannes. A última vez que o evento terminou com empate foi em 2013, quando coroou “De Menor”, de Caru Alves de Souza, e “Lobo Atrás da Porta”, de Fernando Coimbra.

“Malu” toma seu título emprestado de uma atriz de passado glorioso, que se vê presa em um caos sentimental. A relação nada leve com sua mãe conservadora e sua filha adulta torna sua crise ainda mais aguda. Foi dado à longa ainda os troféus de melhor atriz (Yara de Novaes); melhor atriz coadjuvante (para Carol Duarte e Juliana Carneiro da Cunha); e melhor roteiro, assinado por seu realizador, Pedro Freire, estreante em longas de ficção antes consagrado por curtas.

Love story assombrada por desamparos, “Baby” fala sobre um jovem recém-saído de um reformatório, que aprende novas formas de (sobre)viver numa São Paulo hostil. A produção recebeu ainda a laurea de direção de arte (assinada por Thales Junqueira) e a de melhor ator, dada a João Pedro Mariano.

Continua na página seguinte



Fotos/Divulgação

# Deu empate no Festival do Rio



Divulgação

'Malu' e 'Baby' encantam o júri de dividem o prêmio de melhor filme da maratona cinéfila carioca, que segue esta semana com repescagem em salas do grupo Estação

*'Depois de brilhar no Festival de Sundance (EUA), 'Malu', longa do carioca Pedro Freire (acima), se consagra no Festival do Rio e empata com 'Baby', do paulista Marcelo Caetano (no alto)*



# Prêmio especial do júri vai para uma jovem atriz

O júri do Festival do Rio, presidido pela atriz argentina Mercedes Morán (de “O Pântano”), concedeu seu prêmio especial à jovem atriz Jamilli Correa, por “Manas”, um relato de denúncia do abuso sexual infantil e juvenil no Norte do país. Mercedes e seu time atribuíram a láurea de Melhor Realização a Luciano Vidigal por “Kasa Branca”, um comovente estudo sobre resiliências urbanas que se passa na Chatuba, em Mesquita.

Na Première Brasil do Festival do Rio, os longas-metragens documentais têm um par de troféus à parte para chamarem de seus. A láurea de melhor filme de não ficção ficou com “3 Obás de Xangô”, de Sérgio Machado. Sua narrativa relembra a amizade entre o compositor Dorival Caymmi, o best-seller Jorge Amado e o artista plástico Caribé, uma trinca de orixás da Bahia.

O prêmio de melhor direção de narrativas documentais foi confiado a Gabriela Carneiro da Cunha e Eryk Rocha por “A Queda do Céu”, lançado antes na Quinzena de Cineastas de Cannes. “Viva um cinema que sonha longe”, comemorou Eryk no palco.

Construída nos moldes da mostra Un Certain Regard do Festival de Cannes, de olho em propostas de linguagem transgressoras, a seção Novos Rumos consagrou uma belíssima trama de origem cearense sobre música: “Centro Ilusão”, de Pedro Diógenes.

Nesta segunda, salas do Grupo Estação em Botafogo e na Gávea iniciam a Repescagem, uma mostra extra que dá chance à população local de ver alguns dos hits da programação integral, exibida de 3 a 13 deste mês. A boa pedida de hoje é “Império”, comédia sci-fi que rendeu o Prêmio do Júri ao gaulês Bruno Dumont na Berlinale: passa no Gávea 2.

## A PREMIAÇÃO



*Manas*

*3 Obás de Xangô*

*Kasa Branca*

**Filme:** “Baby”, de Marcelo Caetano, e “Malu”, de Pedro Freire

**Documentário:** “3 Obás de Xangô”, de Sérgio Machado

**Curta:** “A Menina e o Pote”, de Valentina Homem

**Prêmio Especial do Júri:** Jamilli Correa, por “Manas”

**Direção:** Luciano Vidigal (por “Kasa Branca”)

**Direção de documentários:** Gabriela Carneiro da Cunha e Eryk Rocha (por “A Queda do Céu”)

**Atriz:** Yara de Novaes (por “Malu”) com menção honrosa para Diana Mattos, por “Betânia”)

**Ator:** João Pedro Mariano (por “Baby”)

**Atriz Coadjuvante:** Juliana Carneiro da Cunha e Carol Duarte (ex aequo por “Malu”)

**Ator Coadjuvante:** Diego Francisco (por “Kasa Branca”)

**Roteiro:** Pedro Freire (por “Malu”)

**Fotografia:** Arthur Sherman (por “Kasa Branca”)

**Montagem:** Peterkino (por “Salão de Baile”)

**Som:** Marcos Lopes, Guile Martins e Toco Cerqueira (por “A Queda do Céu”)

**Trilha Sonora Original:** Fernando Aranha e Guga Bruno (por “Kasa Branca” e “Quando Vira a Esquina”)

**Direção de Arte:** Thales Junqueira (por “Baby”)

**Novos Rumos:** “Centro Ilusão”, de Pedro Diógenes

**Prêmio Félix (láurea queer):** “Tudo Vai Ficar Bem”, de Ray Yeung (Internacional) e “Avenida Beira-Mar”, de Maju de Paiva e Bernardo Florim (brasileiro)

Lá mesmo, rola o documentário “Misty – A História de Erroll Garner”, de Georges Gachot, so-

bre um mito do jazz. A boa do Estação NET Rio é a projeção seguida de dois documentários

do chinês Wang Bing feitos para sua trilogia “Juventude”: “Tempos Difíceis” e “De Volta Ao Lar”.

Na quarta, há um título imperdível: o terror “Herege”, com Hugh Grant, no Estação NET Gávea 5.

# Legado do Redentor

Ao fim do Festival do Rio, ficções e documentários de diferentes latitudes arrebataram os corações do público carioca, despertando o olhar de redes exibidoras



Por Rodrigo Fonseca  
Especial para o Correio da Manhã

**A**té quarta-feira tem Repescagem do Festival do Rio, que chegou ao fim no domingo após dez dias de salas lotadas. Nesta terça (15), às 19h, o Estação NET Botafogo 1 exibe o imperdível “A Garota da Agulha”, que concorreu à Palma de Ouro de Cannes, e na quarta tem Sean Peen, às 19h30, no Estação NET Gávea 5, à frente de “Daddio”. Confira a seguir uma lista de alguns dos títulos revelados pela maratona carioca.

**HEREGE (“Heretic”), de Scott Beck e Bryan Woods:** Como é bom rever Hugh Grant, sobretudo fora de seu habitat (as comédias românticas), arriscando-se por veredas sombrias. No roteiro, repleto de viradas, duas jovens missionárias devotadas à pregação (vivas por Chloe East e Sophie Thatcher) acabam presas na casa de um homem misterioso e diabólico (Grant, na flor da atuação).

**TÓXICO (“Akipleša”), de Saule Bliuvaite (Lituânia):** O ganhador do Leopardo de Ouro de Locarno deste ano gravita

entre a perplexidade e a sororidade. Abandonada pela mãe, Maria, de 13 anos, é obrigada a viver com a avó numa cidade industrial deprimente. Durante um confronto violento na rua, ela conhece a aspirante a modelo Kristina. Buscando se aproximar dela, Maria se inscreve numa escola misteriosa que prepara meninas para o principal evento da região.

**MOACYR LUZ, O EMBAIXADOR DESSA CIDADE, de Tarsilla Alves:** Ao lado de parceiros como Aldir Blanc, Moacyr Luz inventou um Rio de Janeiro em sambas e canções. Com um olhar curioso e delicado, Tarsilla acompanha as andanças do artista durante uma semana.

**PEDAÇO DE MIM (“Mon In-séparable”), de Anne-Sophie Bailey (França):** Mona (Laure Calamy) vive em um pequeno apartamento com seu filho adulto Joël, que é PcD. Ele está perdidamente apaixonado por sua colega de trabalho Océane, que também é PcD, mas Mona desconhece o relacionamento dos dois.

**RAINHAS (“Reinas”), de Klaudia Reynicke-Candeloro:** O candidato da Suíça ao Oscar. Duas irmãs adolescentes estão prestes a deixar seu país para sempre quando, inesperadamente, se reconectam com o pai ausente. Esse relaciona-



Herege



Tóxico



Rainhas



Moacyr Luz, O Embaixador Dessa Cidade



Pedaço de Mim

mento vai ampliar e, ao mesmo tempo, aliviar a dor da mudança.

**5 DE SETEMBRO (“September 5”), de Tim Fehlbaum:** Este

Divulgação

thriller revive a noite de 5 de setembro de 1972, na Alemanha, quando um grupo terrorista invadiu a Vila Olímpica dos Jogos de Munique e fez atletas da delegação israelense reféns.

**CANINA (“Nightbitch”), de Marielle Heller (EUA):** Artista plástica aposenta os pincéis para virar mãe em tempo integral. A gastura da maternidade e a falta de cumplicidade do marido fazem com que ela adquira dons de cães.

**BRING THEM DOWN, de Christopher Andrews (Irlanda):** Uma atuação luminosa de Christopher Abbott assegura a força deste estudo sobre a intolerância. O ator vive Michael, filho caçula de uma família ligada ao pastoreio, que enfrenta um conflito com o fazendeiro rival.

**SEMANA SANTA (“Saptamana Mare”), de Andrei Cohn (Romênia):** Um dos mais inquietos representantes da Primavera Romena. O enredo se passa por volta de 1900. Na ocasião, a tensa relação entre o judeu Leiba, dono de uma estalagem, e seu funcionário cristão Gheorghe, culmina na expulsão do empregado.

**O DIVÓRCIO DE ANDREA (“Andrea Lässt Sich Scheiden”), de Josef Hader:** Um dos astros de maior prestígio da Áustria, Hader volta a se exercitar atrás das câmeras dando um tempero germânico rascante à comédia. Em sua narrativa abilolada, a policial Andrea (Birgit Minichmayr) decide sair do seu casamento infeliz assumindo um cargo melhor em outra cidade. Ao sair de uma festa, acaba atropelando seu quase ex-marido num acidente e foge sem prestar socorro. Chamada para averiguar a ocorrência, ela descobre que um alcoólatra em recuperação assumiu a culpa pelo crime e tenta apagar qualquer vestígio do que aconteceu de verdade.

Divulgação

Divulgação

Divulgação

Divulgação

## CORREIO CULTURAL



Divulgação Netflix

Adam Brody e Kristen Bell, o par romântico da série ‘Ninguém Quer’ é renovada para segunda temporada na Netflix

A Netflix anunciou, via redes sociais, que fará mais uma temporada de “Ninguém Quer”. A comédia romântica com Adam Brody e Kristen Bell nos papéis principais estreou no dia 26 de setembro e vem fazendo sucesso desde então.

Na trama, Noah (Brody) é um jovem rabino de uma sinagoga reformista. Em meio

ao fim de um relacionamento, ele se apaixona por Joanne (Bell), uma mulher atea, que apresenta um podcast sobre sexo.

A série vem sendo apontada como o retorno triunfal do gênero queridinho dos anos 1990. Ainda não há detalhes sobre o que acontecerá na próxima temporada e nem sobre a data de estreia.

**Força maior**

O apresentador Rodrigo Faro foi substituído por Adriane Galisteu no Hora do Faro (Record) de domingo devido ao câncer da mulher, Vera Viel. Pelas redes sociais, Faro afirmou que não largaria a mão da esposa nesse momento difícil.

**Bruninho**

O último show de Bruno Mars, o Bruninho, no estádio Morumbis, na noite de domingo (13), teve direito a uma surpresa: Chitãozinho e Xororó cantando “Evidências”. O americano abraçou os artistas e celebrou o sucesso da apresentação.

**Força maior II**

Vera recebeu o diagnóstico de um sarcoma sinovial maligno na coxa sendo submetida a uma cirurgia na sexta-feira. A Record já tranquizou o apresentador e informou que ele pode ficar fora do programa por todo o tempo que precisar.

**Bruninho II**

No ano passado, no The Town, a banda de Bruno tocou o clássico sertanejo em duas apresentações - em uma delas com a presença emocionada de Xororó na plateia. A música de José Augusto e Paulo Sérgio Valle foi gravada pela dupla em 1990.



Os integrantes da Cia OmondÉ recebem atores convidados na montagem de ‘Último Ensaio’, que fará temporada no Teatro Firjan Sesi Centro

## O teatro traz as respostas

‘Último Ensaio’, novo espetáculo da Cia Omondé, se passa num bunker teatral em meio a uma sociedade caótica

**P**ara celebrar seus 15 anos, a Cia OmondÉ estreia nesta sexta-feira (18) seu mais novo espetáculo, “Último Ensaio”, em temporada de cinco semanas no Teatro Firjan Sesi Centro. Com texto e direção de Inez Viana, a peça tem forte traço metalinguístico e fala, sobretudo, sobre a falta de comunicação entre as pessoas e o caos exacerbado de uma metrópole num futuro distópico.

O elenco é formado por seis integrantes da OmondÉ — Carolina Pismel, Debora Lamm, Júnior Dantas, Leonardo Bricio, Luis Antonio Fortes, Zé Wendell — e por duas atrizes e um ator convidados — Jade Maria Zimbra, Lux Négre e Jefferson Melo. Em cena, eles se encontram numa

espécie de bunker teatral, um dos poucos lugares seguros em um mundo hostil sob ruínas. É neste local de encontro que eles buscam dar algum sentido para suas vidas. Eles passam e repassam várias cenas em um último ensaio, revelando ao público o jogo teatral.

Entremeada por histórias pessoais do elenco, “Último Ensaio” reúne ficção e realidade numa grande homenagem ao teatro. Dividida em três movimentos — o ensaio, o desejo e o ensino — a peça tem várias camadas, permitindo que as relações entre atores e público se estabeleçam de forma horizontal, como se cada um fosse responsável por fazer existir aquela companhia teatral.

“O teatro é o lugar do encontro, da elaboração de memórias,

da reflexão. Epifanias são geradas através desse contato presencial e único. Apesar do evento em si não se repetir, os ciclos da nossa história tendem a se recontar, se reiterar e se espelhar”, pontua Inez Viana. “Para comemorar os 15 anos da OmondÉ, nós sentimos a necessidade de valorizar os artistas e a própria arte em si, traçando um paralelo com o fazer teatral. Propomos também um jogo com a plateia, para que possamos refletir em que sociedade queremos viver e o que fazemos para modificá-la”, adianta.

A ficha técnica é composta por vários parceiros da OmondÉ ao longo desses 15 anos. A luz é de Sarah Salgado, destaque na iluminação cênica paulistana, com vários prêmios e indicações. A direção de movimento é de Denise Stutz. Carla Costa assina o figurino e a direção de produção é de Bem Medeiros, ao lado de Luis Antonio Fortes.

**SERVIÇO****ÚLTIMO ENSAIO**

Teatro Firjan Sesi Centro (Av. Graça Aranha, 1)  
De 18/10 a 17/11, quintas e sextas (19h); sábados e domingos (18h)  
R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

**N**ovo espetáculo da premiada Cia. Stavis-Damaceno, “Nebulosa de Baco”, com dramaturgia e direção de Marcos Damaceno e atuação de Rosana Stavis e Helena de Jorge Portela, está em cartaz no Teatro I do Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), recém-reaberto ao público.

A peça traz à cena duas mulheres expondo a “confusão” de serem elas mesmas, mas também de serem outras, inventadas, atrizes vivendo outras realidades, que às vezes são mais verdadeiras do que a própria verdade. A dramaturgia parte da “confusão” provocada pelo excesso de informações, de muitas situações acontecendo ao mesmo tempo, tudo embaralhado, e a velocidade com que nós, consumidores desse excesso de mídias, sem moderação, temos que processar o que passa da medida. Assim, a peça discute manipulações mentais e abusos emocionais, em diferentes situações, que todos nós sofremos, em tempo real.

Em “Nebulosa de Baco”, duas mulheres, que também são atrizes, estão em seus “habitats naturais” – que são as salas de ensaio, espaços fascinantes de caos e criação para Marcos Damaceno, onde atrizes reconhecidamente fortes revelam suas fragilidades e inseguranças – com a tarefa de convencer a si mesmas a acreditar em si mesmas, ao mesmo tempo em que tentam entender e dar andamento aos preparativos de uma peça que se equilibra entre o riso e o choro, repleta de confusões e ansiedades próprias da cabeça de todo ser humano do século 21, entre o que é e o que não é, o que parece que é, mas também não é, entre o que é verdade e o que é manipulado, ou mera narrativa, entre o que é realidade e o que é ficção, ou imaginação.

“Em um mundo onde tudo cada vez mais é fake, não só a inteligência é artificial, mas tudo é artificial, ninguém mais sabe direito o que é real, o que é artificial, se o que aconteceu, acon-



Rosana Stavis e Helena de Jorge Portela atuam em cena no espetáculo ‘Nebulosa de Baco’

# A confusão de ser a si mesma (ou não)

Excesso de situações marca o espetáculo ‘Nebulosa de Baco’, da Cia Stavis-Damasceno

teceu de fato, ou se foi inventado, ou se tem algum grau de manipulação, ou se é uma mera narrativa. Ou se tudo é narrativa e as verdades simplesmente não existem, porque tudo é narrativa”, reflete a atriz Rosana Stavis.

A encenação traz características que são próprias de Marcos Damaceno, como o ritmo

vertiginoso de pensamentos aparentemente desordenados e a confusão como um sentimento, um estado mental cada vez mais presente em nossos dias, além de, principalmente, trazer ao público espetáculos que impactam quase que exclusivamente pela força do elenco e das palavras. “A Aforista” – considerado pelo

18º Prêmio APTR como um dos 5 melhores de 2023 nas categorias: dramaturgia, espetáculo, direção, atriz, figurino e música – é um exemplo recente dessas características marcantes aplicadas pela Cia.Stavis-Damaceno.

“Todas as nossas peças se passam dentro de cabeças confusas e ansiosas. Claro que a gente joga uma pitada de humor. Sem humor a vida seria insuportável”, comenta Marcos Damaceno. “Toda pessoa imersa em nossos dias é uma pessoa confusa e ansiosa, eu acho”, brinca.

O nome do espetáculo tem inspiração na astronomia e na mitologia, as nebulosas são onde nascem as estrelas, são os berços das estrelas. Assim, o “Nebulosa

de Baco” da Cia.Stavis-Damaceno é o lugar onde nascem as estrelas de teatro, sendo Baco o Deus do teatro.

“Artistas nascem para isso, para mostrar, a cada noite, aos olhos do público, o mundo visto sob outra luz. Não a luz acachapante do sol, mas feito a delicadeza, a suavidade da luz da lua”, conclui Marcos Damaceno.

## SERVIÇO

NEBULOSA DE BACO  
centro Cultural Banco do Brasil – Teatro I (Rua Primeiro de Março, 66, Centro)  
Até 24/11, de quarta a sábado (19h) e domingos (18h)  
Ingresso: R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

Por Matheus Rocha (Folhapress)

**R**egina Casé foi uma criança cheia de graça. Adorava contar causos e arrancar gargalhadas de parentes e amigos. “Eu fazia praticamente um stand-up, um espetáculo”, diz a atriz. Anos mais tarde, o que era brincadeira virou profissão quando ela integrou o elenco de atrações como “Chico Anysio Show”, “Os Trapalhões” e “TV Pirata” - último humorístico do qual participou.

Mais de três décadas depois, Casé volta à comédia no sitcom “Tô Nessa!”, que estreou domingo (13) na TV Globo após o Fantástico. O programa é uma das iniciativas que a emissora planejou para reaquecer a produção de comédias após o caso Marcius Melhem. Em 2020, o então chefe do departamento de humor da empresa deixou o cargo em meio a acusações de assédio sexual, crime que ele nega ter cometido.

Em junho, a Globo anunciou investimentos na área, plano que ganha concretude com a estreia de “Tô Nessa!”. “A gente estava com saudade de humor e acho que o público também”, diz Casé, que dá vida à Mirinda, matriarca de uma família que se vê às voltas com problemas financeiros.

Para pagar os boletos, ela faz de tudo. Desde passeio com cachorros à venda de bolos, passando por bicos como figurante. “Toda semana tem um desafio novo para pagar as contas”, diz a atriz. “Talvez as pessoas tenham menos pudor de falar sobre sexo do que sobre dinheiro. Por isso, quisemos abordar quanto as coisas realmente custam.”

Criado pela atriz em parceria com o roteirista Jorge Furtado, o programa também aposta na nostalgia para cativar o público. Por isso, buscou inspiração em sucessos como “A Grande Família” e “Toma Lá, Dá Cá”. Aliás, o sitcom conta com uma plateia, recurso que foi usado em “Sai de Baixo”, um dos humorísticos de maior popularidade da Globo.

No entanto, diferentemente dessa série, “Tô Nessa!” não deve ser presa fácil para a cultura do cancelamento. A atração foge de piadas ma-

# ‘É possível fazer humor sem ofender minoria’

Regina Casé volta a fazer humor na TV com o sitcom ‘Tô Nessa’, novidade na grade da Globo

Divulgação TV Globo



**Às voltas com muitas contas para pagar, Miranda (Regina Casé) é uma brasileira que não desiste nunca**

chistas ou elitistas, comuns nos anos 1990 e 2000. “Dá para fazer humor sem ofender, ferir e maltratar ninguém”, diz Casé, acrescentando ser importante tomar cuidado para não estigmatizar ainda mais grupos marginalizados. “A liberdade de expressão às vezes é usada de maneira legal e muitas vezes de formas terríveis.”

Casé entrou na dramaturgia na década de 1970, momento em que discussões como essas inexistentes. Filha do diretor de TV Geraldo Casé, ela nutria uma certa implicância com a postura das atrizes. “Todas elas usavam echarpe, não tomavam gelado e só saíam de noite. Aquela imagem não me atraía. Eu sempre fui do dia, gostava de falar alto e tomar gelado. Evidentemente, era

uma visão infantil e redutível”, diz a artista. “Mas eu ainda acho um pouco isso.”

Casé deu os primeiros passos na profissão no icônico Asdrúbal Trouxe o Trombone, grupo de teatro que ela ajudou a criar em 1974. O maior sucesso da trupe, no entanto, veio em 1977, quando eles encenaram “Trate-me Leão”. O espetáculo foi um marco ao dramatizar questões ligadas à juventude da época.

“Essa peça virou um clássico por não ter sido pensada para ser um clássico”, diz Casé, para quem o gru-

po ajudou a dessacralizar o teatro. “Ainda havia um fazer teatral muito empostado. A gente ‘desempostou’ totalmente”.

A peça rendeu à Casé o Prêmio Molière de melhor atriz, uma das láureas mais importantes da época. Com o sucesso nos palcos, a televisão começou a se interessar pela artista. O problema é que não sabiam quais papéis dar a ela. “Eu não podia ser mocinha, porque eu não me encaixava. Ao mesmo tempo, eu era leve e engraçada, então a vilania não me cabia. Precisei inventar um lugar para mim.”

No começo dos anos 1980, entrou na TV Globo em programas de humor como “Os Trapalhões” e “Chico Anysio Show”. Seu primei-

ro papel de destaque em novelas também explorava a comicidade. Em 1986, deu vida à Tina Pepper - personagem de “Cambalacho” que divertia o público com o jeito irreverente e o visual à lá Tina Turner. Durante o folhetim, Caetano Veloso avisou a atriz que a célebre mãe de santo Menininha do Gantois gostaria de vê-la. “Fiquei apavorada achando que ela ia fazer alguma revelação. Cheguei lá apreensiva, fiz a reverência e perguntei se queria falar comigo”, conta a artista. “Daí ela falou: ‘Não, não. Eu só queria conhecer a Tina Pepper mesmo’”.

Depois do sucesso na novela, ela participou da TV Pirata, atração que inaugurou uma nova forma de fazer humor no Brasil.

Depois que saiu do humorístico, Casé começou uma carreira longa como apresentadora. A primeira atração foi o Programa Legal, que estreou em 1991 misturando jornalismo, ficção e humor. Depois vieram projetos como Brasil Legal, Central da Periferia e Esquenta! Nesses programas, ela entrou em contato com pessoas do interior do Brasil e de regiões em vulnerabilidade social. A experiência veio a calhar quando protagonizou o filme “Que Horas Ela Volta?”, de 2015.

Dirigido por Anna Muylaert, o longa ganhou prêmios nos festivais de Sundance e de Berlim ao narrar o dia a dia de Val, empregada doméstica que deixou Pernambuco para trabalhar em São Paulo.

Depois do longa, a atriz deu vida a outras empregadas, como a Madalena, do filme “Três Verões”, e a Lurdes, da novela “Amor de Mãe”.

Ela diz que a facilidade para encarnar essas personagens se deu pela experiência nas ruas, como apresentadora, e também por seu tipo físico. “Mesmo toda arrumadinha assim, eu tenho cara de pobre para as pessoas”, diz a artista. “Isso está um pouco mais diluído, mas antigamente tinha que ser loira e de olhos azuis para protagonizar novela.”

Aos 70 anos, a atriz afirma que a passagem dos anos trouxe mais liberdade e a ajudou a romper esses padrões. “Meus melhores papéis vieram com a idade. Uma pessoa mais velha não precisa ter aquela cara de mocinha. Ela pode ser como eu sou.”

Daniella Paoliello/Divulgação

**N**ome de destaque da música contemporânea brasileira, a novíssima MPB,

Luiza Brina aposta na canção, matéria fundamental de seu jeito de ver o mundo. A cantora e compositora mineira traz “Prece”, seu quarto álbum de estúdio, que reúne um repertório autoral que vem sendo lapidado desde 2010. Nesta quarta-feira, Luiza e seu violão levam esta nova safra de músicas ao palco do Manouche acompanhada por Guilherme Kastrup (percussão), Aline Gonçalves e Karina Neves (flautas).

Cantora, compositora, multi-instrumentista, arranjadora e produtora musical, Luiza considera este o seu mais ambicioso trabalho. Com uma orquestra formada por 19 instrumentistas mulheres – integrantes das Orquestra Filarmônica de Minas Gerais, Orquestra Sinfônica de Minas Gerais e Orquestra Ouro Preto, selecionadas a dedo por Luiza – e processamentos eletrônicos conduzidos por Charles Tixier, o disco apresenta 10 orações de Luiza, além de um interlúdio.

No repertório, a artista, que escreveu todos os arranjos – tanto para as percussões do chileno José Izquierdo como para 22 instrumentos de uma orquestra de câmara – percorre diferentes formas de prece, incluindo orações ao amor, aos rios minerados, à solidão, e, acima de tudo, à própria fé que a artista busca ao fazer canções.

Ao lado dela, parceiros como Iara Rennó, Julia Branco, Luizga, Sérgio Pererê, Thiago Amud e Vovô Bebê ajudam a desenvolver essa prece-canção. Além deles, Luiza também se cercou de participações vocais, como as de Silvana Estrada, LvRod, Maurício Tizumba, além do próprio Sérgio Pererê e de Iara Rennó, compositores e cantores no disco. E, claro, das instrumentistas: Aline Gonçalves (clarinete, clarone e flauta); Alma Maria (trompa); Ana Calina (viola); Ana Cecília (trompete); Camila Rocha (contrabaixo); Catherine Carignan (fagote); Elise Pittenger (violoncelo); Joanna Bello (violino 1); Jovana Trifunovic (violino 2); Kamila Druzd (viola); Karina Neves (flauta, flautim e flauta bai-



*Desde que passou por um momento difícil, Luiz Brina passou a criar orações em forma de canção de forma a se conectar com algum sentido de religiosidade*

# E da canção se fez oração

Revelação da MPB, mineira Luiz Brina lança ‘Prece’, álbum que reúne orações criadas pela artista que descobriu que não sabia rezar

xo); Laura Von Atzingen (violino 1); Lauriza Anastacio (violoncelo); Natália Mitre (percussão); Natália Porto Coimbra (trombone e eufônio); Rosana Guedes (oboé); Taís Gomes (contrabaixo) e Tatiana Martins (violino 2). Luiza Brina assina a direção musical, a produção musical (ao lado de Charles Tixier), os arranjos e ainda os violões de nylon e de aço.

Entre regravações (três, incluindo agora uma versão instrumental de “Oração 1”, uma regravação da

“Oração 2” ao lado de Silvana Estrada e uma regravação de “Oração 3”) – e inéditas (sete ao todo), nada soa igual no novo álbum de Luiza.

São construções sonoras cheias de desvios, desenhos e dobras, mas que conseguem ressoar beleza em suas formas, trazendo um estranhamento pop a cada canção. Se em 2017, era uma Luiza Brina astronauta explorando o espaço, agora temos uma Luiza escafandrista, buscando pérolas nas águas de um rio onde correm referências

que vão de Hermeto Pascoal a Heraldo Negro, de Caetano em “Livro” à Pierre Schaeffer em seus estudos sobre objetos sonoros.

Era 2010 quando Luiza Brina começou a ter as primeiras crises de pânico. “Confinada pelo estado de saúde naquele momento, me dei conta de que não sabia rezar”, conta.

Sem vínculo ou educação religiosa, a artista sentiu falta de uma conexão com algo que pudesse ajudá-la a superar aquele episódio, e o sentimento de morte contido nele. A canção, então, lhe pareceu mais naturalmente conectada à ideia de prece do que qualquer nova incursão religiosa na qual pudesse se lançar. Foi então que compôs “Oração 1” – música registrada inicialmente no álbum “Tão Tá”, lançado em 2017, e que trouxe, à época, outras

duas orações, modo como começou a batizar determinado tipo de canção.

Agora, mais de dez anos depois, Luiza soma mais de 20 orações compostas. E selecionou as mais significativas para o disco que chega agora. São composições que, de simples ajuda, se tornaram a maior expressão de sua linguagem musical.

## SERVIÇO

LUIZA BRINA - PRECE  
Manouche (Rua Jardim Botânico, 986 - subsolo da Casa Camolese)  
16/10, às 21h  
Ingressos: R\$ 100 e R\$ 50 (meia solidária, mediante doação de 1kg de alimento não-perecível ou livro para doação)

## Tecnologia e calor humano. Têm que estar sempre juntos.

Uma empresa que há 42 anos administra  
uma liderança imbatível de mercado tem que  
entender muito de administração.

Protel. A administração condominial que une  
tecnologia com calor humano no atendimento.

Síndicos felizes recomendam.

Vai ser eficiente assim lá em casa.

**PROTEL**

ADMINISTRAÇÃO DE CONDOMÍNIOS.

